

MAPAS MENTAIS: construindo novas rotas de aprendizagem

Eduardo Barsi

“Ninguém começa a ser professor numa certa terça-feira às 4 horas da tarde... Ninguém nasce professor ou marcado para ser professor. A gente se forma como educador permanentemente na prática e na reflexão sobre a prática”.

Paulo Freire

A atividade de professor é uma atividade de constante formação. Como diz Paulo Freire, ela se constitui na prática e na reflexão sobre a prática. Essa reflexão sobre sua prática é que proporciona um aperfeiçoamento constante do seu ofício, do seu estilo e do domínio do conhecimento de sua disciplina. Já introduzo aqui uma razão biológica que explica porque somos o único animal que aprende para ensinar. Que nos realizamos na confirmação da aprendizagem realizada no outro e que parte daí a origem do prazer de satisfação psicológica na concretização do sucesso (alcance do objetivo) do outro. É uma carga de dopamina liberada em nosso cérebro que entorpece e vicia e que por isso, vivemos a procurar sempre. E como vivemos em busca desse gozo, estamos sempre buscando novas formas de realizar o feito em outros novos outros.

Nossa capacidade de criação e superação surge da necessidade, ou das necessidades que se apresentam em nossa vida pessoal e profissional. Assim buscamos atingir mais e mais pessoas indo mais fundo no desafio de conseguir atingir a todos e para isso vivemos um eterno compromisso de dedicação involuntária na busca de realizar a apreensão do conhecimento se utilizando de novos exemplos, de outras palavras, de outras mídias, de outros recursos.

E não cabe aqui falar de alguns profissionais que não reagem dessa forma. Em todas as profissões temos pessoas que não têm ética. Sim, isso mesmo. Não refletir sobre sua prática docente em busca de resgatar aquele aluno mais indiferente ao processo de ensino aprendido, aquele mais distante possível do sua intervenção, aquele que é eleito como o maior desafio, é mesmo falta de ética. É uma grande desrespeito a profissão e aos verdadeiros professores.

Mas precisamos, e isso é extremamente importante, deixar claro que no momento em que vivemos, na era do conhecimento, é inadmissível que essa busca por novos recursos, que nos possibilite mais êxito em nossa prática, seja feita de forma experimental ou até, que não seja feita por alegação de que não

há investimento e que não há condições de trabalho para realizá-lo bem. Deixo aqui duas reflexões extremamente importantes:

- 1 – temos sempre que fazer o melhor com a condição que temos para fazer hoje;
- 2 – uma das coisas mais perigosas do mundo é um incompetente com iniciativa.

O Profissional da educação hoje não pode apenas ficar preso ao fator preponderante de ser extremamente qualificado apenas no conhecimento técnico da sua disciplina. Com tantos novos conhecimentos sendo descobertos e compartilhados, experiências de sucesso de apreensão do conhecimento, aprendizagem socioemocional, ambientes híbridos de aprendizagem, neuroeducação... não há mais espaço para o velho “mas eu sempre fiz assim”.

É preciso que o profissional da educação moderno tenha consciência que ele tem que conhecer e se familiarizar com as transformações que acontecem no mundo. Que acontecem nas relações sociais, profissionais, organizacionais. Nos novos desenhos e cenários de composição do mundo do trabalho. Nos novos modelos de aprendizagem por resolução de problemas plausíveis, reais. Não, definitivamente não se pode ficar mais no experimentalismo. É preciso entender sobre comportamento, linguagem, persuasão, empatia, sobre os efeitos do emocional sobre o processo de aprendizagem. Entender sobre memória, os benefícios do sono, taxonomia de Bloom, curva do esquecimento, sistema representacional, pirâmide da aprendizagem, sem precisar ser um grande conhecedor de todos esses temas, mas simplesmente, ter a apropriação necessária para aplicar como recurso essas descobertas na sua prática em sala de aula.

Não cabe mais apenas aquele discurso repetitivo para os alunos que eles precisam estudar, que estão estudando pouco ou nada, se ninguém nunca disse a eles como se estuda, como é que se aprende. Como organizar o tempo se nunca ensinaram como fazer um horário de estudo. O professor deve ser um exemplo constante de mudança, aperfeiçoamento, de protagonista na busca da renovação, em promover a curiosidade, em provocar a criatividade fugindo de um ensino engessado e desmotivador. Precise descaracterizar que aprender não é para talentosos e sim, para persistentes. Que o sucesso em conseguir ser um bom aluno em matemática ou em física é fruto da perseverança e da paixão por aquilo que se quer conquistar. Que não há nada de natural em dizer que não consegue aprender algo. Que talento sem esforço é apenas potencial desperdiçado.

Esse novo professor precisa estar centrado e equilibrado em saber que suas realizações não são imediatas, que o seu reconhecimento não é agora e o que realmente se transmite em sala de aula é o que ele é. Estilo e referência.

E como comecei citando ele, Paulo Freire, termino essa breve conversa também fazendo uso de um outro excelente convite ao exercício do pensar.

Se a nossa opção é progressista, se estamos a favor da vida e não da morte, da equidade e não da injustiça, do direito e não do arbítrio, da convivência com o diferente e não de sua negação, não temos outro caminho senão viver plenamente a nossa opção. Encarná-la, diminuindo assim a distância entre o que dizemos e o que fazemos. Isto é, a coerência ativa entre aquilo que se diz e aquilo que se faz.

Paulo Freire